



CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADES NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: DISCIPLINA, NORMA E CONTROLE

Fabio Pinto Gonçalves dos Reis ¹
Kleber Tuxen Carneiro ²

Resumo

Trata-se de uma reflexão cujo objetivo é estabelecer diálogos entre as experiências pedagógicas na Educação Física Escolar e os conceitos de identidade, diferença, poder e normalização. Tal incursão pelas temáticas permitiu-nos problematizar a centralidade do corpo nas dimensões relativas às sexualidades e ao gênero no campo da Educação Física Escolar. Para tanto, elaborou-se algumas categorias analíticas com o objetivo de ampliar a discussão, sendo elas: corpo e disciplina; gênero e normalização; sexualidades e controle. Em nosso entendimento debruçar-se sobre tais temáticas no cotidiano da escola e da Educação Física enquanto componente curricular, oportuniza novas interpretações, bem como se pensar outros caminhos, para uma formação ética, política e estética.

Palavras-chave: Gênero. Sexualidades. Educação Física.

Introdução


Temos enquanto premissa que os sujeitos são: históricos, singulares e ativos, portanto, atuam no e sobre o mundo. Nesse sentido pode-se afirmar que constituem e, simultaneamente, são constituídos no conjunto das relações sociais das quais se inserem, ou são inseridos. Assentados nessa concepção, poder-se-á interpelar de que forma e sob quais marcadores sociais são forjados tais (in)sujeitos socioculturais? Decerto as marcas das várias identidades que 'fabricam' os indivíduos (e sua subjetividade) possuem como categorias estruturantes os pertencimentos relativos ao: gênero, raça, etnia, religiosidade, classe social, geração, sexualidade, dentre outros.

Ainda que reconheçamos que os sujeitos são formados na intersecção desses (diferentes) marcadores sociais, para fins de delineamento desse texto, pretende-se explorar apenas as zonas de fronteira entre a Educação Física e as questões de gênero e sexualidades, tendo em vista os limites para elaboração do artigo, bem como à amplitude cujas questões relativas ao gênero e sexualidade instituem.

¹ Professor adjunto na Universidade Federal de Lavras, fabioreis@def.ufla.br

² Professor adjunto na Universidade Federal de Lavras, kleber.azevedo@def.ufla.br





Pois bem, nossa compreensão sobre essas duas categorias analíticas fundamentam-se, principalmente, nos estudos de Joan Scott (1995) e Guacira Lopes Louro (2008). Quanto ao conceito de gênero, trata-se de um aspecto relacional entre mulheres e homens que, ao rejeitar o sentido do determinismo biológico, passa a envolver valores construídos socialmente ao longo da história, ao passo que ele, o gênero, torna-se “a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. Ele é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado” (SCOTT, 1995, p. 75).

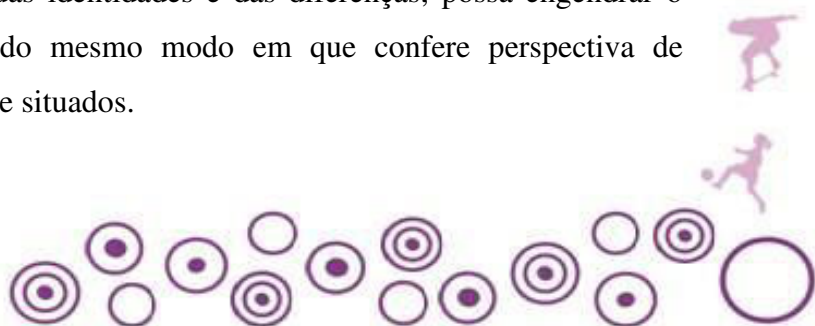
No que concerne à sexualidade, Louro (2008) ressalta que seu entendimento implica mais “do que corpos que nela estão envolvidos, mas, sim, fantasias, valores, linguagens, rituais, comportamentos, representações mobilizadas ou postas em ação para expressar desejos e prazeres” (p. 210). Destarte, inegavelmente a instituição escolar (de alguma maneira) produz ingerências quanto aos processos educativos vinculados à sexualidade das crianças e jovens por meio de “pedagogias, muitas vezes, sutis e discretas, nem sempre explícitas ou intencionais, mas não menos eficientes e duradouras” (LOURO, 2008, p. 18).


Em face ao exposto, torna-se imperativo refletir quanto aos lugares que os corpos das crianças e dos jovens ocupam na instituição escolar, em especial no interior das aulas de Educação Física, e como as questões de gênero e sexualidades vêm sendo desenvolvidas nesse contexto? Para tanto, faz-se necessário determo-nos aos aspectos epistemológicos que atravessam esse debate, abordando os conceitos: de identidade, diferença, poder e normalização.

Educação Física Escolar e a política das identidades: (in)diferença, poder e normalização

Via de regra, no âmbito do senso comum, as diferenças e as identidades tendem a ser naturalizadas, cristalizadas e, por vezes, essencializadas. São tomadas como dados, ou fatos da vida social diante dos quais as pessoas podem viver e interagir harmonicamente sem que haja nenhum tipo de conflito. Nesse sentido, os discursos produzidos acerca das diversidades giram em torno da tolerância, do respeito e da convivência, isto é, as diferenças são, no limite, apenas celebradas (na escola, ou fora dela) e não problematizadas e politizadas deveria.

Como possibilidade de superar tais determinismos e limites de visão, consideramos que, uma análise crítica das temáticas das identidades e das diferenças, possa engendrar o alargamento das margens formativas, do mesmo modo em que confere perspectiva de desestabilizar-se processos historicamente situados.





O termo identidade pode ser entendido como uma espécie de referência, ou seja, um ponto de partida original, ao qual se define um parâmetro para aquilo que se reconhece enquanto diferença. Por efeito, há uma tendência em tomar aquilo que somos, como sendo a norma pela qual descrevemos, ou avaliamos aquilo que não somos. A identidade, portanto, tal qual a diferença, é tecida no interior das relações sociais. Isso significa dizer que, sua definição está sujeita a vetores de força, imersos nas distintas relações de poder. Em outras palavras, elas (lê-se as identidades e as diferenças) não são dadas congenitamente, ou mesmo estão prontas e definidas, nem tão pouco convivem harmoniosamente, são em grande medida forjadas e impostas em meio às relações de poder.

Consoante Foucault (1984), o poder não existe como algo concreto ou que se detém como uma coisa, que se possui ou não. O que existem são práticas e relações de poder. Significa dizer, ainda, que o poder é algo que se exerce, efetua e funciona. O poder, dessa forma, não é algo concreto que está em uma ou outra pessoa, pois, na realidade, ele se ramifica nas relações entre indivíduos, inclusive muito frequentemente encontrado nos espaços educativos.


Nesse sentido, pode-se inferir que as marcas da diferença são inscritas e reinscritas no interior das (micro e macro) políticas e por vezes legitimadas por intermédio de (tácitas) práticas sociais historicamente construídas, visto que “[...] A diferença é produzida por intermédio de processos discursivos e culturais. A diferença é ensinada” (LOURO, 2008, p. 22).

No entanto, para que se possa observar e constatar tais práticas, por vezes circunspectas, faz-se necessário conhecer seus diferentes dispositivos, um deles é a norma, um instrumento, a propósito, eficaz quando o assunto é gênero e sexualidades nas aulas de Educação Física. A norma, inegavelmente, é um princípio de comparação e de julgamento:

[...] Daí porque a norma se faz penetrante, ou seja, porque ela é capaz de se naturalizar. Há que perceber os modos como se constrói e se reconstrói a posição da normalidade e a posição da diferença, porque, afinal, é disso que se trata. Em outras palavras, é preciso saber quem é reconhecido como sujeito normal, adequado, sadio e quem se diferencia desse sujeito (LOURO, 2008, p. 21).

Portanto, antes de simplesmente assumir noções dadas de normalidade e de diferença, é imprescindível refletir sobre os processos de inscrição dessas marcas nos corpos de crianças e jovens. Haja vista que a diferença não deriva de uma existência prévia nos corpos dos sujeitos para ser, simplesmente, reconhecida; “ao invés disso, ela é atribuída a um sujeito (ou a um corpo, uma prática, ou seja lá o que for) quando relacionamos esse sujeito (ou esse corpo ou essa prática) a um outro que é tomado como referência” (LOURO, 2008, p. 23).





Nesse sentido perscrutar a centralidade do corpo nas dimensões relativas à sexualidade e ao gênero no campo da Educação Física Escolar, inegavelmente, envolve uma imersão sobre os aportes conceituais e o cotidiano da escola. Sendo assim, apresentaremos na próxima secção algumas categorias analíticas para que, talvez, possam subsidiar as experiências pedagógicas e de formação no respectivo campo de debate.

Pedagogia dos corpos

Tendo como alvo o corpo humano, as pedagogias dos corpos não agem apenas para supliciá-lo, mutilá-lo ou reprimi-lo, mas agem também para aprimorá-lo, adestrá-lo. No caso da Educação Física na educação infantil, por exemplo, esses elementos são beneficiados quando:

[...] se tem um espaço-tempo reservado para que as atividades de movimento aconteçam na escola, podendo ser ou não as “aulas” de Educação Física. Primeiramente noto que, quando isso acontece, parece haver uma reserva de mercado restringindo a movimentação corporal a essas aulas. Tal postura polariza o processo de ensino-aprendizagem, estabelecendo a quadra como lugar de trabalho corporal e a “sala de aula” como ambiente de aprendizagem intelectual (REIS, 2016, p. 56).


Para o autor em questão, isso acentua-se na medida em que as aulas são organizadas na forma de estações psicomotoras, visto que as crianças têm de fazê-las uma de cada vez. Ou mesmo, quando os gestos tende a ser apenas repetidos e reproduzidos em brincadeiras cantadas, danças e atividades esportivas.

Além disso, a distribuição geográfica das salas, do pátio, da sala do/a diretora é estrategicamente pensada para garantir o assujeitamento dos indivíduos e aperfeiçoar a utilização do tempo-espaço. Com isso, a instituição educacional cria espaços funcionais e hierárquicos, alvitando organizar a multiplicidade, dominar as diversidades e arrebatrar as diferenças. Assim, a existência corporal passa a ser separada, dividida, uniformizada, agenciada, num verdadeira achatamento da singularidade e das experiências.

É nesse sentido que apontamos uma contradição, pois ao mesmo tempo em que há um descaso para com corpo no processo educativo, o fato dele ser circunscrito como um objeto de estudo revela dimensões importantes do lugar ocupado pelas estratégias pedagógicas sobre ele e do investimento de nele intervir. Assim, apesar dos processos educativos não considerarem, em grande proporção, também as práticas corporais como parte do processo formativo, ao penetrá-las com as técnicas de dominação e coerção, acabam denunciando sua importância.

Nota-se, portanto, a existência de muitos desafios quando o mote é gênero e sexualidades, cenário que acentua-se na medida em que as culturas escolares e a própria





Educação Física, endossam práticas normativas excludentes, pretensamente denominadas de pedagógicas, que pouco, ou quase nada avançam no tocante a compreensão do entrelaçamento entre as experiências corporais na constituição das identidades e diferenças.

Gênero e normalização

Os processos constituintes de uma prática como normal e de outras como desviantes ou anormais dão-se por meio de "jogos" de poder que atravessam as dimensões corporais. Isso nos ajuda a compreender, por exemplo, porque algumas práticas esportivas são culturalmente instituídas como área de reserva masculina. Ao mesmo tempo em que nos permite refletir, quanto as consequências sofridas pelas mulheres (preconceito, exclusão, discriminação e violência) que cruzam essa fronteira de gênero no esporte.


Uma maneira de aproximar questões referentes a gênero e sexualidades do cotidiano de crianças e jovens durante aulas de Educação Física, seria a elaboração de propostas que permitissem a vivência dos/as alunos/as em atividades tidas como femininas, tais como: dança e a ginástica rítmica e àquelas apresentadas como sendo masculinas, como: o futebol e artes marciais. A desnaturalização do que é próprio do homem ou da mulher pode auxiliar na compreensão das formas plurais de vivermos as masculinidades e feminilidades. Assim como os comportamentos, gestos, atitudes e sentimentos são construídos pela cultura e legitimados/normatizados pela sociedade, é preciso atentar-se que, tanta a noção de masculinidade, quanto a de feminilidade passam por esse processo constitutivo.

Sexualidades e controle

A temática da sexualidade é um elemento presente (direta ou indiretamente) em grande parte das práticas escolares e discursos pedagógicos. Para Louro (2008, p. 82), “a sexualidade está na escola, faz parte dos sujeitos e não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se “despir””.

Nesse contexto, a sexualidade se expressa na experiência de prazeres e desejos com registros profundos de sensações que a memória do corpo não esquece. Diante disso, no âmbito da Educação Física não se pode apenas olhar para a sexualidade na perspectiva biológica, o que ocorre com certa frequência, no interior de alocação direcionadas à prevenção da gravidez e no alerta sobre o contágio de doenças sexualmente transmissíveis, urge ampliar-se esse entendimento e o “[...] discurso sobre a organização fisiológica do corpo, não como um estudo do comportamento sexual, mas como o prolongamento de uma analítica do poder” que “[...] investe, por meio dos discursos e das práticas de "medicina social", sobre





certo número de aspectos fundamentais da vida dos indivíduos: a saúde, a alimentação, a sexualidade etc... (REVEL, 2005, p. 80).

Considerações finais

As discussões encetadas ao longo desse trabalho nos permitiram constatar que, ao aproximarmos a Educação Física das questões de gênero e sexualidades, algumas categorias analíticas se mostraram bastante significativas, dentre as quais destacamos: corpo e disciplina; gênero e normalização; sexualidade e controle.

No que se refere às relações entre corpo e disciplina, consideramos que essa investigação localiza-se na zona frontal de combate às pedagogias que buscam domesticar os gestos corporais mais íntimos dos sujeitos, esquadrinhando suas expressões mais singelas, elaborando uma cartografia da carne ao controlar suas funções, eficácias e intimidá-lo.


Em se tratando de gênero, ressaltamos que os elementos a serem aprofundados nos processos de normatização do masculino/feminino referem-se à dicotomia dos corpos e a condição relacional implicada nesse conceito. A partir disso, emerge a discussão sobre a construção das feminilidades/masculinidades no interior das práticas corporais desenvolvidas nas experiências pedagógicas com a Educação Física Escolar.

Quanto ao entrelaçamento entre Educação Física e a temática da sexualidade, observa-se a necessidade ampliar as discussões, visto que a compressão prescritiva, ou profilática com base na acepção biológica do corpo, torna-se insuficiente, já que a sexualidade não é algo dado, natural e imutável, mas resultante de uma construção histórica e social sobre os modos de sentir e experimentar o corpo, os desejos e as relações.

Referências

- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 5. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**. Porto Alegre, v. 19, n. 2 (56), maio/ago, 2008.
- REIS, Fabio Pinto Gonçalves dos. Corpos em ebulição na educação infantil: borbulhas de poder, vigilância e controle na expressão das sexualidades das crianças pequenas. In: Cláudia Maria Ribeiro, Carolina Faria Alvarenga (Org.). **Borbulhando enfrentamentos às violências sexuais nas infâncias no sul de Minas Gerais**. Lavras: UFLA, 2016, v. 1, p. 57-76.
- REVEL, Judith. **Foucault: conceitos essenciais**. Tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlo Piovesani. São Carlos-SP: Claraluz, 2005.





SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez., p. 71-99, 1995.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

